

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Vento no Cinema – Fazer Ver o Invisível
28 de Outubro de 2022

OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE / 1989

um filme de ANTÓNIO FARIA

Realização: António Faria / **Argumento:** António Faria, adaptado do romance homónimo de Manuel Lopes / **Fotografia:** João Rocha / **Direcção de som:** Mário Garcia / **Cenografia:** Manuel Figueira / **Música:** Vasco Martins / **Intérpretes das canções:** Paulino Vieira, Toi Vieira, José António / **Montagem:** Maria Beatriz Henriques / **Consultores:** Moacir Rodrigues, Deolinda Domingos / **Interpretação:** Carlos Alinho (José da Cruz), Arciolinda Almeida (Zepa), Jorge Vera Cruz (Leandro), Manuela Santos (Libânia), Eliana Lima/Nanni (Aninhas), Renato Andrade (rapaz da montanha), José Pedro Bettencourt (Saltapedra), Vítor Cansado (Dono da loja), José António Centeio (Pipi), Eloísio Delgado (Capataz), Manuel Estêvão (Chefe do Posto), Lurdes Évora (“Moça”), Adriano Gonçalves Bana (Enfermeiro), David Leite (Miguel Alves), Arlindo Évora Lima (João Felício), Conceição Lopes (Galda), Francisco Lopes (Mocinho), Valentina da Cruz (Maria Alice, professora), Manuel Matias (Regedor), Elizabeth Matos (Joaninha), Daniel Sone Medina (Lela), Elizabeth Monteiro (Concha), Madalena Monteiro (Mulher de Shamano), Manuel de Novas (Laurentinho), Francisco Cruz Ramos (Chico), Jairson Rego (Bibinho), Albertino dos Reis (Manuelinho), Carlos Cruz Reis (Guia Nhinho), Maria da Luz Rodrigues (Xanxa), Marcelino Santos (Shamano), António Matos (Jo).

Produção: Animatógrafo, Instituto Cabo-verdiano de Cinema, RTP / **Produtores:** António da Cunha Telles, Carlos Consiglieri (Produtor Delegado) / **Direcção de produção:** Jorge Paixão da Costa, Daniel Medis / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, em 35mm, cor, falada em português / **Duração:** 103 minutos / **Primeira apresentação pública:** 18º Festival da Figueira da Foz, 1989 / Sem estreia comercial identificada / Primeira exibição na Cinemateca: 10 de Julho de 2014, Ciclo “António da Cunha Telles – Continuar a Viver / Produzidos por Cunha Telles”.

“Agosto chegou ao fim. Setembro entrou feio, seco de águas; o sol peneirando chispas num céu cor de cinza; a luminosidade tão intensa que trespassava as montanhas, descoloria-as, fundia-as na atmosfera espessa e vibrante. Os homens espiavam, de cabeça erguida, interrogavam-se em silêncio. Com ansiedade jogavam os seus pensamentos, como pedras das fundas, para o alto. Nem um fiapo de nuvem pairava nos espaços. Não se enxergava um único sinal, desses indícios que os velhos sabem ver apontando o dedo indicador, o braço estendido para o céu, e se revelam aos homens como palavras escritas.”

Manuel Lopes in *Os Flagelados do Vento Leste*

*“Malditos, estes anos de seca!
Mete dó, o silêncio triste da terra abandonada sob o peso do sol penetrante
Há quanto tempo não rodam as pedras dos moinhos!
Há quanto tempo não se ouve o som monótono e madrugador dos pilões cochindo...
Que é desse ruído anunciador das refeições do povo?
De dentro das casas nem fio tenuíssimo de fumo subindo.
Pobres enxadas que não servem mais, esquecidas nos cantos dos quintais, cobertas de poeiras e estrume...”*

Paisagem, Jorge Barbosa

Primeira co-produção entre Portugal e Cabo Verde, nomeadamente da Animatógrafo (António da Cunha Telles) e do Instituto Cabo-verdiano de Cinema, este é um dos primeiros filmes pós-independência do Arquipélago, que revela claramente uma vontade de estreitar de relações entre ambos os países.

Os Flagelados do Vento Leste centra-se na história de uma família de pequenos agricultores da ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, que durante a década de 40 sofreram as terríveis consequências de um período histórico de seca, com efeitos devastadores para os habitantes do Arquipélago e em particular para esta ilha tradicionalmente agrícola. Como referiu o realizador, António Faria: “[O tema do filme] não é a seca, mas a atitude humana face ao flagelo [...] no único lugar em Cabo Verde onde a situação podia decorrer: sendo uma ilha fértil, verde, de água abundante, o flagelo tornou-se muito mais violento e marcante. [...] Numa época em que o arquipélago era ainda uma colónia portuguesa, conhecida pelo efeito medonho do campo de concentração do Tarrafal como pela história peculiar do seu povo e da sua luta” (entrevista durante a rodagem do filme, *O Jornal*).

Esta é de facto uma ilha de origem vulcânica atravessada por importantes ribeiras e aquela com mais recursos hídricos entre as várias do Arquipélago, não obstante a aridez devido ao seu carácter montanhoso, às chuvas escassas e irregulares, e às influências dos ventos de África. Ilha em grande parte dependente da agricultura, que as várias crises cíclicas de seca deixaram sem água para o cultivo das terras, com consequências extremamente graves para grande parte da sua população. De entre as várias crises cíclicas que assolaram Santo Antão, a da década de 40 é considerada uma das mais trágicas, dados os profundos efeitos na vida dos cabo-verdianos e dos santantonenses em particular, ficando para sempre na memória pela pobreza extrema e migrações que originou, e pela elevada taxa de mortalidade associada à fome.

Para realizar este filme, que se inscreve no ano de 1942, António Faria partiu do romance homónimo de Manuel Lopes, escritor originário da vizinha ilha de S. Vicente, que na década de 40 trocou pelos Açores, e que se fixou definitivamente em Portugal Continental em 1959, ano em que escreveu *Os Flagelados do Vento Leste*, dedicando grande parte da sua obra literária a Cabo Verde. Com Baltasar Lopes da Silva e Jorge Barbosa foi mesmo um dos fundadores da moderna literatura cabo-verdiana.

Os Flagelados do Vento Leste-filme retrata na perfeição os efeitos da seca sobre a população nativa de menores recursos, as consequências do esgotamento das reservas alimentares dos pequenos agricultores que viviam nas montanhas isolados dos centros urbanos, mas também o papel fundador entre tal comunidade das crenças em Deus e nos presságios inscritos na natureza. Uma fé inabalável que alimentava a esperança do camponês na chuva e que permitia que resistisse tenazmente às agruras da falta de água e da fome.

No livro e no filme, a personagem de José da Cruz (Carlos Alinho) é a encarnação desse mesmo camponês obstinado que resiste a pesados anos de seca, que abalam a confiança dos seus vizinhos e que o levam ao abandono das terras, pelo que o seu sonho inicial funciona como um presságio de um tempo de chuvas que será eternamente adiado.

Ao apostar num elenco formado por gentes locais, que confere ao filme uma adicional força documental, António Faria tira partido da presença dos corpos, mas sacrifica a representação.

Não assumindo um registo anti-naturalista, nem apostando no realismo da representação, acaba por ficar a meio caminho, o que prejudica a definição das personagens e dificulta a plena compreensão das suas relações. São ténues as pistas que apontam para a ligação filial entre Leandro - o pastor/ladrão das montanhas - e José da Cruz, mas é claro desde o início que os une a mesma vontade de sobrevivência numa terra inóspita. Todavia, a escassa caracterização de cada uma dessas personagens e das suas ligações encontra a sua própria motivação numa profunda miséria, que conduz ao deslaçar das relações.

Mas em **Os Flagelados do Vento Leste** o que sobressai é a imponência da paisagem, com toda a sua força telúrica, que dita estas vidas esmagadas pelas forças da natureza e de uma terra que se lhes recusa. E, ao contrário de tantos outros filmes centrados na fragilidade do homem face à imponência da "paisagem", aqui não há milagre, nem possibilidade de redenção, apenas a constatação de que em circunstâncias em que se testam os limites da própria humanidade, toda a resistência parece ser em vão.

Joana Ascensão